

O Jogo da Amarelinha sob a ótica do existencialismo de Jean Paul Sartre

ALINE DO CARMO COSTA BARBOSA

*Universidade Federal de Goiás

*Mestranda em História

A primeira metade do século XX foi uma época de grandes transformações históricas que afetaram questões fundamentais no campo da filosofia e no campo da literatura. Tais mudanças iniciaram-se principalmente quando elementos da tradição ocidental deixaram de bastar para orientar a vida prática do homem contemporâneo, sendo sentidas e dando-se, por exemplo, em oposição ao regramento científico dos dois séculos anteriores, a mentalidades tradicionais calcadas no progresso da humanidade, e a estruturas formais essencialmente presentes no campo literário.

O presente trabalho busca analisar uma obra de literatura intitulada *O Jogo da Amarelinha*, do autor Julio Cortázar, publicado em 1963, na tentativa de compreender os aspectos filosóficos que o livro explicitou na época e como tais aspectos foram alternativas para se pensar a história do homem e da humanidade depois de uma grande desilusão no cientificismo e após uma visível descrença no progresso. A corrente filosófica que se pretende analisar como fonte que Cortázar obteve é o existencialismo, em especial o existencialismo de Jean Paul Sartre.

Filhos de pais argentinos, Julio Cortázar nasceu em 1914 na Bélgica e logo depois se mudou para Argentina, onde passou grande parte de sua vida e adquiriu uma extensa bagagem para a sua vasta produção literária. Em 1951, em consequência de suas posições políticas contrárias ao regime ditatorial do país, mudou-se para a França, onde viveu até 1984, ano de sua morte. Ao lado de Jorge Luis Borges, foi considerado um dos autores que inauguraram uma nova forma de fazer literatura na América Latina.

O Jogo da Amarelinha, considerada a principal obra do autor, e que aqui se toma como parâmetro de análise, se caracteriza primeiramente pela maneira inovadora que permite ao leitor escolher o modo como conduzirá sua leitura. Ao abrir o livro lhe é dada a liberdade para escolher o modo como vai encará-lo: quem escolhe lê-lo através dos números de capítulos sugeridos pelo autor, se depara com o ir e vir de páginas, o ir e vir de assuntos, personagens e cenas que transmitem realmente a impressão de estar

saltando casas e jogando a pedrinha que o levará ao céu, o que caracteriza o jogo que dá título ao livro. O personagem principal, chamado Horácio/Oliveira, se revela como um indivíduo inteligente e atormentado, cheio de questionamentos existenciais e dramas psicológicos profundos. A primeira parte do livro se passa em Paris, e o enredo se dá em torno de um grupo de seis amigos expatriados na cidade e que formam um clube para se reunirem e discutirem filosofia, pintura, literatura, música, etc. A segunda parte se passa em Buenos Aires, quando Horácio/Oliveira volta à sua terra natal e passa a conviver com um casal de amigos.

A escrita é marcada por uma narrativa peculiar e inovadora. Uma destas características peculiares se dá com a presença de Morelli, que aparece no livro como um escritor adorado pelos personagens, e aparentemente autor do próprio *O Jogo da Amarelinha*. Os comentários de Morelli aparentam diversas vezes ser uma crítica ao próprio texto. Morelli inclusive, em um momento do livro, profere a frase dos existencialistas “a existência precede a essência” (CORTÁZAR, 2009. p. 631)

Na época em que Cortázar produziu este livro, a corrente existencialista de Sartre estava sendo difundida pelos meios intelectuais da Europa, nos quais Cortázar se encontrava. O existencialismo como corrente filosófica também surgiu como pretensão de apresentar alternativas ao indivíduo que já não se sustentava sob o racionalismo dos séculos anteriores e que colocava em cheque questões fundamentais da humanidade, a qual estava passando por situações históricas caóticas e de várias maneiras, incompreensíveis.

Sartre propunha como base um tipo de humanismo que supunha um homem livre para decidir sobre as suas escolhas e condenado em cada escolha individual também a escolher a humanidade. O homem existencialista estava à mercê de uma angústia (caracterizada por Sartre como “a náusea”) por sentir a responsabilidade do homem enquanto sujeito universal e principalmente por ter que lidar com a sua liberdade.

Partindo da premissa de que a existência precede a essência, o indivíduo foi tomado como um projeto a ser construído, com potencialidades e deveres de ação. Em *O Jogo da Amarelinha*, notamos personagens que ao serem dotados de liberdade para escolher, sentem o peso da responsabilidade de se construírem e também de arcarem com as suas escolhas.

Como o problema central deste trabalho reside em compreender as bases filosóficas e históricas que levaram Julio Cortázar a escrever *O Jogo da Amarelinha* e como tais bases e o livro sugerem alternativas que o homem do século XX encontrou para tentar resolver a “falta de sentido” característica da época, as metodologias utilizadas estão fundamentalmente ligadas à relação entre história e literatura. Partindo do pressuposto de que a literatura pode servir ao historiador como uma importante fonte de compreensão de contextos históricos e principalmente do pensamento humano de uma determinada época, o livro *O Jogo da Amarelinha* é analisado através de uma postura que hermenêuticamente busca no texto literário uma plausibilidade discursiva enquanto meio de representações de experiências culturais, políticas, sociais e filosóficas.

Analisar textos literários com o intuito de observar e compreender as características de um lugar, os modos de vida de uma determinada parcela da humanidade, ou para, e mais audaciosamente, compreender a mentalidade de uma época, implica em questões demasiado complexas, porém valiosas, no que tange às várias atribuições dadas a um historiador.

O reconhecimento de uma aproximação entre a história e a literatura, fornece um maior intercâmbio entre estas áreas e neste trabalho é de grande utilidade uma obra literária como um meio de nos proporcionar uma análise das concepções do homem no início do século XX.

Além de a literatura ser considerada em si como um “documento” válido para o historiador, neste trabalho analisamos o fato de que a narrativa contemporânea tem peculiaridades ainda mais relevantes por ter como característica, como salienta Foucault, a necessidade do homem de narrar, de contar, de confessar como um modo de buscar a si no mundo.

Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm a necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente. Daí, sem dúvida, a metamorfose na literatura: de um prazer de contar e ouvir, dantes centrado na narrativa heróica ou maravilhosa das “provas” de bravura ou de santidade, passou-se a uma literatura ordenada em função de uma tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, entre as palavras, uma verdade que a própria forma de confissão acena como o inacessível. (FOUCAULT, 1980, P. 59)

Esta nova maneira de narrar presume que o homem do século XX se pôs diante da ficção, através de diversas linguagens, para exprimir também a sua realidade. Será através de *O Jogo da Amarelinha* que pretendemos compreender a realidade exprimida por Julio Cortázar.

Jean Paul Sartre, que aqui possui sua filosofia existencial também em análise, utilizou como elemento de persuasão de suas idéias filosóficas a literatura. Em produções teatrais e romancistas o filósofo literato construiu personagens embebidos de angústias existenciais e defendeu em vários momentos o caráter de engajamento da literatura. O escritor nos deixa claro sua posição:

Se a literatura não é tudo, ela não vale nada. Isso é o que eu quero dizer com “engajamento”. Ele define-se é reduzido à inocência, ou a canções. Se uma frase escrita não ecoa em todos os níveis do homem e da sociedade, então não tem sentido algum. O que é a literatura de uma época se não *a época apropriada por sua literatura?* (...) Deve-se aspirar a tudo para ter esperança de fazer alguma coisa.” (SARTRE, apud MÉSZÁROS, 1991, p. 17)

Aqui nos valeremos de um estudo acerca da obra de Julio Cortázar como importante fonte para se pensar seu contexto. Essa problemática que se relaciona com uma corrente existencial de um importante filósofo francês, merece atenção por se tratar de um período em que autores latino-americanos não apenas receberam, mas transformaram perspectivas europeias dentro de um contexto diferente. O que se pretende analisar é se, como, e por que esta corrente filosófica foi relevante para Cortázar e em que medida isto nos permite analisar também as questões históricas que impulsionaram a literatura e a filosofia a pensar sobre o homem em acordo com uma formulação específica.

Para compreender o existencialismo de Sartre, algumas questões são fundamentais. O absurdo, a angústia, a liberdade, a realidade, e o dever de ação são temas que estão intrincados em sua obra, fazendo parte do emaranhado que o filósofo teorizou acerca do existencialismo.

Um grande exemplo da comunhão da filosofia sartreana e da construção de Cortázar faz-se presente quando analisamos a questão do absurdo. Em *O Jogo da Amarelinha* ele se encontra várias vezes nas mais diversas situações cotidianas dos personagens, o que nos leva a refletir sobre a absurdidade que também fundamentou o

existencialismo sartreano, como uma característica de desespero perante a desorientação do homem ao deparar-se com a falta de lógica dos fatos de uma humanidade não mais embutida de teleologia. A realidade, neste sentido, foi posta em cheque juntamente com o sentido da existência humana. Arthur C. Danto, em um estudo sobre Sartre, formula com clareza o significado de tal absurdidade:

Pois somos seres irremediavelmente contingentes, postos, como diria Heidegger, num mundo que, logicamente, poderia ter existido sem nós, sendo ele próprio radicalmente contingente em todos os pontos. E é isso o que a absurdidade significa, no fundo: ela não é tola, nem sem sentido, nem incoerente, mas sim contingente. E isto se experimenta como metafísica premência até ao ponto de pensar no que seria uma coisa não-absurda, ou um mundo não-absurdo, isto é, um mundo que satisfaz um conceito de necessidade lógica ou quase-lógica. (DANTO, 1975, p. 18)

A ideia de absurdo na primeira metade do século XX, embutida na literatura, na filosofia e nas artes em geral, pode nos remeter também à descrença na humanidade, e no fato de que a ideologia ao progresso já não cabia no pensamento do homem naquele tempo. Horácio/Oliveira, personagem do livro em análise, profere as seguintes palavras no decorrer da narração:

- Que parâmetro tem você para pensar que fomos bem? Por que tivemos de inventar o Edén, viver sob a nostalgia do paraíso perdido, fabricar utopias, engendrar um futuro? Se uma lombriga pudesse pensar, pensaria que a sua vida não tinha andado assim tão mal. O homem agarra-se à ciência como se fosse aquilo a que chamam uma tábua de salvação, e que eu jamais soube bem o que era. A razão segrega através da linguagem uma arquitetura satisfatória, como a preciosa rítmica composição dos quadros renascentistas, e nos põe no centro. Apesar de toda a sua curiosidade e da sua insatisfação, a ciência, ou seja, a razão, começa por nos tranqüilizar. [...]
O que não entendemos é por que isso tem que suceder assim, porque estamos aqui e lá fora está chovendo. O absurdo não são as coisas; o absurdo é que as coisas estejam aí e que nós as experimentemos como absurdas. [...] O absurdo é acreditar que podemos apreender a totalidade daquilo que nos constitui neste momento ou em qualquer momento, e intuí-lo como algo coerente, algo aceitável, se você prefere. (CORTÁZAR, 2009, p. 193)

O trecho clareia a ideia de que tal descrença não se opera sem uma visível angústia, o que leva Cortazar na sua produção literária a buscar uma coerência perdida, uma unidade que o coloque novamente em segurança com sua vivência no mundo.

Outro aspecto que se faz necessário como análise é a defesa do engajamento do homem perante o mundo, que também foi uma parte importantíssima na constituição da filosofia de Sartre. Na conferência intitulada *O existencialismo é um Humanismo*, ao se defender de críticas que apontavam o existencialismo como uma filosofia do quietismo, Sartre argumenta:

Vedes bem que ele não pode ser considerado como uma filosofia do quietismo, visto que define o homem pela ação; nem como uma descrição pessimista do homem: não há doutrina mais otimista, visto que o destino do homem está em suas mãos; nem como uma tentativa para desencorajar o homem de agir, visto que lhe diz que não há esperança senão na sua ação, e que a única coisa que permite ao homem viver é o ato. (SARTRE, 1975, p.15)

Em *Teoria do Túnel* (1998), Cortázar descreveu como as estruturas das produções literárias mudaram no século XX passando a ter um caráter mais do que formal, um caráter que necessitava expor a realidade e o mundo, em confronto com ele ou não, e fez da sua própria obra um grande exemplo deste caráter. Saul Yurkievich, responsável pela *Obra Crítica* de volume I (1998), que contém esta produção de Julio Cortázar denominada *Teoria do Túnel*, afirma:

A epígrafe de *Teoria do túnel* prova o apego de Cortázar ao existencialismo, principalmente o sartriano; antecipa seu desassossego em relação à condição humana, sujeita, num mundo desatinado, a um questionamento radical. (SARTRE, 1998, p.13)

O Jogo da Amarelinha, porém, por ser um livro com personagens angustiados e fragmentados, pode sugerir uma leitura de um livro em que o homem tenta abandonar o mundo e a realidade da sociedade para iniciar uma busca de si mesmo que não implica em qualquer engajamento para com o mundo social. No entanto, quando percebemos que o *Jogo da Amarelinha* é uma busca do homem e ao mesmo tempo uma busca da própria humanidade tal leitura se mostra equivocada. A obra sugere em sua novela um homem novo, que intenta representar alternativas para o homem social, imerso em um século conturbado e sem referências. Darcy França Denófrío, ao prefaciá-lo, ao prefaciá-lo um livro de Soraya Calheiros Nogueira, que apesar de realizar

um trabalho focando no grotesco em Miguel Jorge e Julio Cortázar, já nos aponta para esta leitura:

“[...] Aí analisa também seis contos de Julio Cortázar, chamando a atenção do leitor para o fato de que o escritor argentino, por sua vez, procura representar o indivíduo na sociedade burguesa, com seus questionamentos sociais de teor existencialista. Se a voz de Miguel Jorge era coletiva, sem a premência da densidade psicológica, esta, em Cortázar, é individual, profundamente existencial, podendo mesmo soar egótica. Entretanto, isto nos parece de certa forma enganador. O homem, que também são todos os homens, é flagrado em sua profunda solidão humana e densidade psicológica. Esta coisa comovente: vê-se o homem sozinho, dentro de seu labirinto, defrontando-se consigo mesmo, na busca interior. Mas, nele, pode-se enxergar a humanidade inteira.” (NOGUEIRA, 2002, P. 18-19)

Em um livro publicado recentemente com textos inéditos de Cortázar, *Papeis Inesperados* (2010), há um texto no capítulo “Momentos” em que Cortázar, dez anos após ter lançado sua obra de maior alcance, revela o caráter revolucionário que *O Jogo da Amarelinha* propôs:

Dez anos depois, enquanto eu me distancio pouco a pouco de "O jogo da amarelinha", uma infinidade de rapazes aparentemente chamados a estar longe dele se aproximam do risco de seus quadrados de giz e jogam a pedra em direção ao Céu. E esse céu, e isto é o que nos une, eles e eu chamamos de revolução. (CORTÁZAR, 2010, p.174)

Este trecho nos remete à idéia de que a literatura de Cortázar serviu como um meio de representar algumas questões fundamentais podendo ser políticas ou ideológicas, das quais o autor se filiava na época. A isso, como em Sartre, chamamos de engajamento.

[...] a historicidade vai adquirir uma dimensão bem diferente quando Sartre integrar à sua reflexão e à sua escrita todo o peso da época: *a drôle de guerre*, a prisão na Alemanha, a Resistência, a libertação da França, a guerra fria, os campos de concentração e extermínio. Não resta mais que uma única saída, uma única obrigação: *Escrever para sua época*.(...) É aqui que nasce a temática do engajamento, que teve tanta repercussão. (COLETTE, 2009 p. 102-3)

As questões históricas foram em muito comuns aos dois escritores, como o fato de ambos terem presenciado a 2ª Guerra mundial, a ascensão do nazismo, do socialismo, entre outros importantes processos. Jacques Colette (2009, p.7) em seu livro “*Existencialismo*”, analisa o surgimento desta corrente e afirma: “Um dos seus principais traços é a percepção de uma humanidade entregue às violências mortíferas, às monstruosidades de uma guerra particularmente bárbara que teria exigido dos artistas, escritores, e filósofos novas inflexões”. José Fernandes, em seu livro “O existencialismo na ficção brasileira”, aprofunda:

“A angústia é decorrência da consciência negativista que perdura e se acentua com o advento da sociedade técnico-científica e do claro evidenciamento da inteira impossibilidade de se reinstalar a indústria do passado, ou seja, de restituir ao homem a individualidade que se lhe esvai. (...)”

A precariedade da existência e a crueldade da vida são fenômenos que refletem intensamente as relações homem e mundo. As agressões à essência e à existência, por mais distantes que estejam, interferem na cosmovisão de todos os homens inseridos no contexto histórico e cultural do momento, porque os atos malévolos ou benéficos dos homens ou da sociedade são extensivos à humanidade. Conforme lembra Jolivet, “O pavoroso cataclismo da guerra mundial, com os inomináveis horrores a que deu origem, o clima de insegurança territorial em que a humanidade viveu, o desmoronamento de todos os valores até então respeitados” (28) despertaram no ser do homem a consciência de sua contingência e da transitoriedade da existência, constantemente ameaçada.” (p. 51 – FERNANDES, José)

Analisar tais produções humanas, literárias e filosóficas, envolvendo-as em seu contexto histórico e julgando-as frutos de acontecimentos relevantes facilita a compreensão das concepções destes produtores, mas apostar que a filosofia sartreana influenciou Julio Cortázar por ambos os escritores terem vivenciado os mesmos fatos grandiosos que marcaram o início do século XX não basta. É necessário que também se atente para a realidade da América Latina, em especial da Argentina, que foi terreno de boa parte da vida de Julio Cortázar, antes do escritor se mudar para a França. Embora as questões que envolveram a Europa tenham abalado também o continente latino-americano, é provável que as correntes filosóficas que surgiram no continente europeu tenham sido refletidas em outras medidas para o sujeito latino-americano.

A presença de situações em *O Jogo da Amarelinha* que evidenciam a relação dos personagens com a situação histórica da América Latina nos prova a relevância de um contexto específico. Em um momento em que Horácio/Oliveira se encontra na Argentina com o casal de amigos (Traveler e Talita) que fazem parte de seu cotidiano, notamos as relações dos personagens com os problemas contemporâneos e associações ao socialismo:

[...] Também liam porque, de uma juventude coincidentemente socialista e um pouco teosófica pelo lado de Traveler, os três gostavam cada um à sua maneira da leitura comentada, das polêmicas, pelo gosto hispano-americano de querer convencer e jamais aceitar a opinião contrária. Adoravam, ainda, as possibilidades inegáveis de rir como loucos e se sentir acima da humanidade lastimosa, sob pretexto de ajudá-la a sair de sua fedorenta situação contemporânea. (CORTÁZAR, 2009, p. 318)

A vivência do autor Julio Cortázar, portanto, enriquece e torna complexa a sua produção literária. Em 1966, em resposta à perguntas feitas pela revista *Imagen Del País*, em relação à “problemas geracionais” e “consciência da realidade argentina atual”, o escritor escreve um breve texto intitulado “Resposta a um questionário” e responde:

“Certamente essa gente deve achar que a minha ausência pessoal diante do que acontece hoje na literatura argentina entendida como “tomada de consciência” etc. corresponde a escapismo ou indiferença, porque o meu dever de argentino (de escritor argentino, mas com o acento em *argentino* mais que em *escritor*) me obrigaria inalienavelmente a etc. Mas para cumprir esse “dever” eu teria que morar no país; e acontece que não me dá vontade. Entre outras coisas porque minha idéia de dever é muito diferente, minha idéia de escritor é muito diferente, minha idéia de argentinidade também é muito diferente. Não está aí *O Jogo da Amarelinha* mostrando isso sem precisarem vir me procurar tão longe?” (CORTÁZAR, 2010, p. 225)

Novamente há um reconhecimento que na obra existe um engajamento, e que através da literatura é possível, talvez pela estética e não por outros meios, chegar à consciência do leitor enquanto sujeito que tem “acesso à liberdade e à vida”. É também nesta questão que é possível perceber que o existencialismo foi utilizado por Cortázar para embutir na literatura aspectos que tocariam o leitor por vias que o levariam a agir em sua existência. Em outro texto publicado em *Papeis Inesperados*, agora em 1969,

Cortázar afirmou que *O Jogo da Amarelinha*, mais que uma experiência literária, foi para muita gente um choque que poderíamos chamar de existencial; e que assim, mais que técnica ou linguisticamente, o livro influenciou extraliterariamente para os leitores. Esta influência extraliterária à que o autor se refere, e o “choque” que ela produziu, clareia a percepção de a obra poderia alcançar níveis que, não necessariamente estéticos ou políticos, o autor almejou para o indivíduo contemporâneo.

Este trabalho representa o início de perguntas que carecem de uma pesquisa mais aprofundada e abrangente no tema. O que se propôs, portanto, foi dar um pontapé inicial em discussões que podem auxiliar na compreensão de como e em que medida as correntes que surgiram na Europa no início do século repercutiram para os homens latino-americanos, e como a produção cortazariana explicitou concepções do indivíduo no século XX. Finalizo com um trecho em que Cortázar indica que a aproximação com o existencialismo não é vã:

“(…) penso como Sartre que a existência precede a essência na medida em que a existência é como Aquiles e a essência como tartaruga, ou seja, a verdadeira existência é correr para atingir a meta e que essa meta está aqui, não no mundo das ideias platônicas ou nos diversos e vistosos paraísos das igrejas.” (CORTÁZAR, 2010. p. 236)

Referências Bibliográficas:

CORTÁZAR, Julio. *O jogo da amarelinha*. Tradução: Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. *Obra crítica, volume I*. 1998. Edição de Saul Yurkiecich. Tradução de Paulina Watch e Ari Roitman, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. *Papeis Inesperados*. 2010. Tradução: Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

COLLETE, Jacques. *Existencialismo*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS. L&PM, 2009.

DANTO, Arthur C. *As ideias de Sartre*. Tradução: James Amado. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

FERNANDES, José. *O existencialismo na ficção brasileira*. Goiania: Ed. da UFGO, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

MÉSZÁROS, Istvan. *A obra de Sartre: Busca da Liberdade*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Ensaio, 1991.

NOGUEIRA, Soraya Calheiros. *O grotesco em Miguel Jorge e Julio Cortázar*. Goiânia: Ed. Cãnone, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um Humanismo*. 3º edição. Tradução: Rita Correia Guedes. São Paulo: Abril Cultural. 1987.